



**ANÁLISE**

Belo Horizonte, um dos exemplos da experiência brasileira de planejar cidades. Quase um símbolo, inventada na mente, materializada nas pranchetas e consolidada no lugar que chamamos de centro de BH. Palco de expressões cívicas e arquitetônicas, uma cidade que vem se provando um espaço diverso, complexo e cheio de dicotomias. Ortogonal e racional em sua malha urbana, o seu substrato, fluido e orgânico em seu movimento e crescimento. É um exemplo perfeito para mostrar que o planejamento estático e "pronto" não dá conta da complexidade das vontades e movimentos coletivos que rejeitam a cidade, um organismo vivo.

Da mesma maneira, a atual sede do Senac BH é um pequeno recorte dessa dinâmica. Ao passar do tempo, o organismo Senac se expande e transpõe os limites dos edifícios. Hoje, o desafio é consolidar um corpo único, mas que também permita o crescimento orgânico futuro. Outro ponto é de reaproximar o Senac da rua, buscar os passantes e convidá-los a entrar pois o edifício está próximo a eixos de transporte importantes como a Av Olegário Marcelo.

O projeto é um grande esforço para encontrar soluções simples do ponto de vista técnico e financeiro, com os objetivos de consolidar uma fachada única e marcante, criar espaços integrados, explorando ao máximo a soma dos pavimentos dos dois edifícios, delineando os ambientes como plano de fundo para construção do conhecimento e cultivo da troca de experiências.

A proposta para o retrofit da fachada se iniciou pelo desejo de criar integrações. Começando por uma integração forte do térreo com a rua, criando um respiro para o transeunte numa região com a predominância de construções coladas no alinhamento da calçada e, em paralelo, a integração interna entre os dois blocos, visando uma unificação, transformando o complexo em um único bloco e trazer para BH um novo ponto marcante.

**SOLUÇÕES**

Tendo em vista o desnível existente no térreo do atual bloco 1 com a rua, e ainda, sendo necessário o acesso por uma escadaria pequena e rampa acanhada, propusemos que a entrada fosse alterada para o bloco 2, buscando essa conexão fluida e mais direta com a rua, característica deste bloco. Dessa maneira, o acesso torna-se uma grande extensão da calçada e um convite natural para o transeunte adentrar.

Ao trazer a recepção para o bloco 2, recuamos a entrada para o mesmo alinhamento do bloco 1, inclusive a sobreloja, criando um acesso mais imponente com o pé direito mais alto, unificando a fachada dos dois blocos e, ao mesmo tempo, criando uma gentileza urbana, alargando a circulação externa e propondo uma faixa verde para humanizar mais o embasamento e fortalecer a conexão dos dois edifícios.

Dessa maneira, criamos uma relação ativa com o calçamento e os transeuntes, mas que evoca os princípios da arquitetura modernista dos pilotis e embasamento com circulação livre que dilui os limites do que é interno e externo. Incentivando uma lógica de ocupação que beneficia o pedestre.

As circulações horizontais no térreo também foram repaginadas para quebrar a barreira interna desse conceito existente de 'bloco 1 e bloco 2'. Pegamos a extensão toda da parede que divide os dois edifícios e criamos uma grande arquibancada/escada que faz esse papel de unificação, resultando agora em um único bloco, um único Senac. Antes de que era o nível do térreo do bloco 2, virou apenas 'térreo', e o que era o nível do térreo do bloco 1, virou 'mezanino'. E assim a arquitetura começa a refletir os valores consolidados do Senac.

O tratamento adotado para as torres foi de minimizar as divergências entre elas, tanto o pé direito

diferente, resultando em um desalinhamento da fachada, como o recuo e altura final dos dois blocos.

No bloco 2, como a edificação está no alinhamento da calçada e não podemos recuar sem afetar a área útil interna para todo o programa, retiramos os brises verticais e substituímos por uma membrana que envelopa a fachada toda, criando uma unidade no volume e dialogando de forma mais neutra com o outro bloco. Essa membrana, quase como um véu que ao se iluminar revela o interior para a cidade ou o exterior para os usuários do edifício, é composta por uma tela perfurada, dando um aspecto monolítico para quem vê de fora, mas que ainda permite a iluminação natural entrar nas salas e ter uma vista na parte interna.

No bloco 1, também retiramos os brises verticais e engastamos uma jardineira na estrutura existente que avança além dos pilares, marcando mais a horizontalidade do prédio. O intuito das jardineiras em todos os pavimentos é levar a vegetação para dentro da sala de aula na busca pelo bem estar e conforto emocional dos alunos ali presentes e, como consequência, ter uma fachada mais humanizadas. Composto com as jardineiras, também temos uma série de painéis de muxarabi em madeira, dois em cada módulo da estrutura. Esses painéis junto com a vegetação traz uma proteção solar e conforto térmico maior para dentro do edifício, além do aconchego visual pela composição dos materiais (madeira, concreto e a vegetação).

Buscando provocar uma integração mais forte da área interna com a externa, temos um embasamento todo envidraçado com uma grande permeabilidade visual. Outro ponto é a continuação do piso da calçada, que é a pedra portuguesa, para dentro do prédio. A transparência da fachada e a continuação do piso quebram essa barreira e a recepção vira uma extensão da área externa, sendo muito mais convidativo as pessoas de entrarem e usufruírem dos espaços públicos lá dentro.

Na cobertura encontramos um pensamento intrigante. Como um edifício instalado na cidade com forte presença da paisagem emoldurada pela Serra do Curral, diga-se de passagem, deu a inspiração ao nome Belo Horizonte, não explora a sua cobertura como extensão dos espaços internos? Mais importante que isso, porque não se usufrui dessa potencialidade como um belvedere?

Dessa maneira, buscamos habitar esse espaço que apresenta tanto potencial e é inexplorado. Criamos como se fosse pequenos pocket parks suspensos trazendo para os usuários do senac o céu e a paisagem de volta.

Esses espaços são uma extensão dos espaços internos e a ideia é que sejam ambientes para convívio e permanência que cultivem o ócio criativo e que convidem os alunos a ocuparem de maneira mais livre, seja para eventos ou conversas do dia a dia. Imaginamos cinema ao ar livre, festivais e feiras. As possibilidades são extensas para um espaço que hoje é tão ocioso quanto uma simples cobertura.

Esperamos que o projeto seja a pedra fundamental para a requalificação do Senac BH. Contudo, acreditamos que o projeto não se apresenta como uma realidade fixa, será necessário convidar os alunos, colaboradores e visitantes para participar e dar continuidade ao processo de construção e consolidação do espaço. Ocupando e validando, ou não, as nossas proposições.

Esperamos criar aqui o início de uma base sólida. Um começo que fundamente essa dinâmica de transformação continua.